ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

Toda a correspondencia relativa a esta publicação deve ser dirigida com o endereço ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão —Rua Formosa, 43—*LISBOA*

PRIMEIRO ANNO | *SEGUNDA FEIRA, 29 DE FEVEREIRO DE 1904* | *NUMERO 17*

S. M. HARUKO, IMPERATRIZ DO JAPÃO

Quando o imperador do Japão decidiu constituir o seu imperio segundo os moldes europeus, deu a mão de esposo á imperatriz Haruko, filha d'uma das mais nobres familias japonezas. Ao mesmo tempo o Mikado promulgou uma lei pela qual se formou a camara dos pares, hereditaria para o primeiro terço, electiva para o segundo e de nomeação régia para o ultimo. Formou tambem por este tempo uma camara dos communs, de 300 membros, á razão d'um deputado por 100:000 habitantes. Desde então começou a epoca civilisadora para o grande imperio do Extremo Oriente.

CHRONICA

A Santa Paz do Senhor

Lisboa vive como um *lazzaroni* ao sol e na poeira, na raposeira, na mandria, sem se atrever a suspirar nem mesmo a bocejar: é uma cidade de marmore com um somno de chumbo, uma capital de granito entalada n'um collete d'aço.

Não a sobresaltam as agitações da Europa nem as catastrophes que se dão pelo norte. Ferrou no somno.

Não é cerebro do mundo como Paris, nem tem o Moulin Rouge, nem faz reuniões para a paz, não joga o *tennis*, nem fabrica, nem se interessa pelo Extremo Oriente como Londres, não faz revistas nem confecciona bonecos como Berlim, não lança bombas, não armazena dynamite e peças patrioticas como S. Petersburgo, não canta ao sol nem reza como Madrid, não clama contra os turcos e contra os reis como Sofia e como Belgrado. Tem em si um symbolo: a arcada, um cerebro perturbado por uma farta digestão.

TYPO ALBANEZ

E' uma terra que Deus fez d'um resto d'azul e d'uns parasitas arrancados á veste de S. Labre, não evoluciona, não toma duches, não tem nervos e assim tem caminhado pelos seculos fóra, ao sol e na Santa Paz do Senhor!...

Fallam-lhe agora em mobilisar 15000 homens. Lisboa abre a bocca e fica-se a dormir depois de encafuar o barrete d'algodão.

*

Entretanto os jornaes veem repletos de telegrammas que a *Havas* distribue na sua faina de bisbilhoteira do Universo, narrando que em Paris se faz uma subscripção para os russos, que em Londres se decreta a neutralidade na questão do oriente, que em Madrid se chamam as reservas, que em S. Petersburgo se movem tropas ás quaes o czar faz allocuções, que pela Russia fóra passam comboios atulhados de soldados que cantam e vão para a guerra, que em Tokio o Mikado dá vinte milhões d'yen para a subscripção nacional, que em New-York se enviam notas ás potencias pedindo a neutralidade, que nos Balkans se faz frente á Turquia e que até em Roma, na cidade morta, o Padre Santo busca fazer as pazes com o Quirinal, a fim de passar no campo a sua temporada de verão.

MONASTIR

E Lisboa continua imperturbavel e serena a dormir, trajada de negro ao som dos sinos e dos echos do mundo, e fica-se coberta de moscas e de sol, cheia de preguiça e de impostos, morna, amodorrada.

UMA NOIVA D'ALBANIA

Entorpecida e calma, desolada e macambuzia, vê passar os transatlanticos cheios de passageiros, escuta como n'um sonho as novas do Universo, sabe vagamente do estampido do canhoneio das esquadras, dos ataques a Port-Arthur, das raivas que se accendem entre os bulgaros, do que faz o Sultão e quantas postas de carne de cão come o rei da Coréa, ouve fallar da attitude dos chinezes, das hostes de *coolies* e das linhas do transiberiano cortadas, dos generaes que mandam, dos combates que se ferem, do *Variag* pelos ares e d'um almirante russo que se suicida, ouve todas essas novas d'uma tragedia que pode arrastar a Europa, gritam-lhe aos ouvidos que se mobilisarão homens pagos em libras para guarnecerem a India ingleza, sabe o que vae por esse mundo de Christo e cousa alguma a acorda, como a dar-se ares de cidade ultra-civilisada, que não se importa com mexericos de visinhos, embora armados até aos dentes.

Não se importa mesmo com o resto do paiz que pastorea gados nas serranias, ensacca carnes e faz berratas, vive como uma pobre doente comida pela febre, sugada, sem alento, mas na Santa Paz do Senhor.

*

Porém, essa Santa paz lisboeta, jámais turbada, não é a mesma que as nações pediam e de que a Russia fallou para se desmentir agora, não é essa paz que a Europa applaudiu por fóra ao armar-se por dentro, não é essa paz que foi um brado sympathico e que seria como a inauguração de uma era de fraternidade, que seria o fim do aço empregado em canhões e prompto a fabricar locomotivas, rails, caldeiras e charruas, que seria o fim dos exercitos e o começo da maxima producção da terra, dos campos mais ferteis, da humanidade mais farta, que seria como um mundo novo a ressurgir, labios a abrirem-se para cantar, braços a erguerem-se para applausos, vozes a altearem-se para glorificações a sabios humanitarios, que seria uma alvorada nova, um mundo a recomeçar, uma bandeira branca a erguer-se, e que seria, emfim, a verdadeira paz do Senhor, como elle a imaginou e como elle a quer.

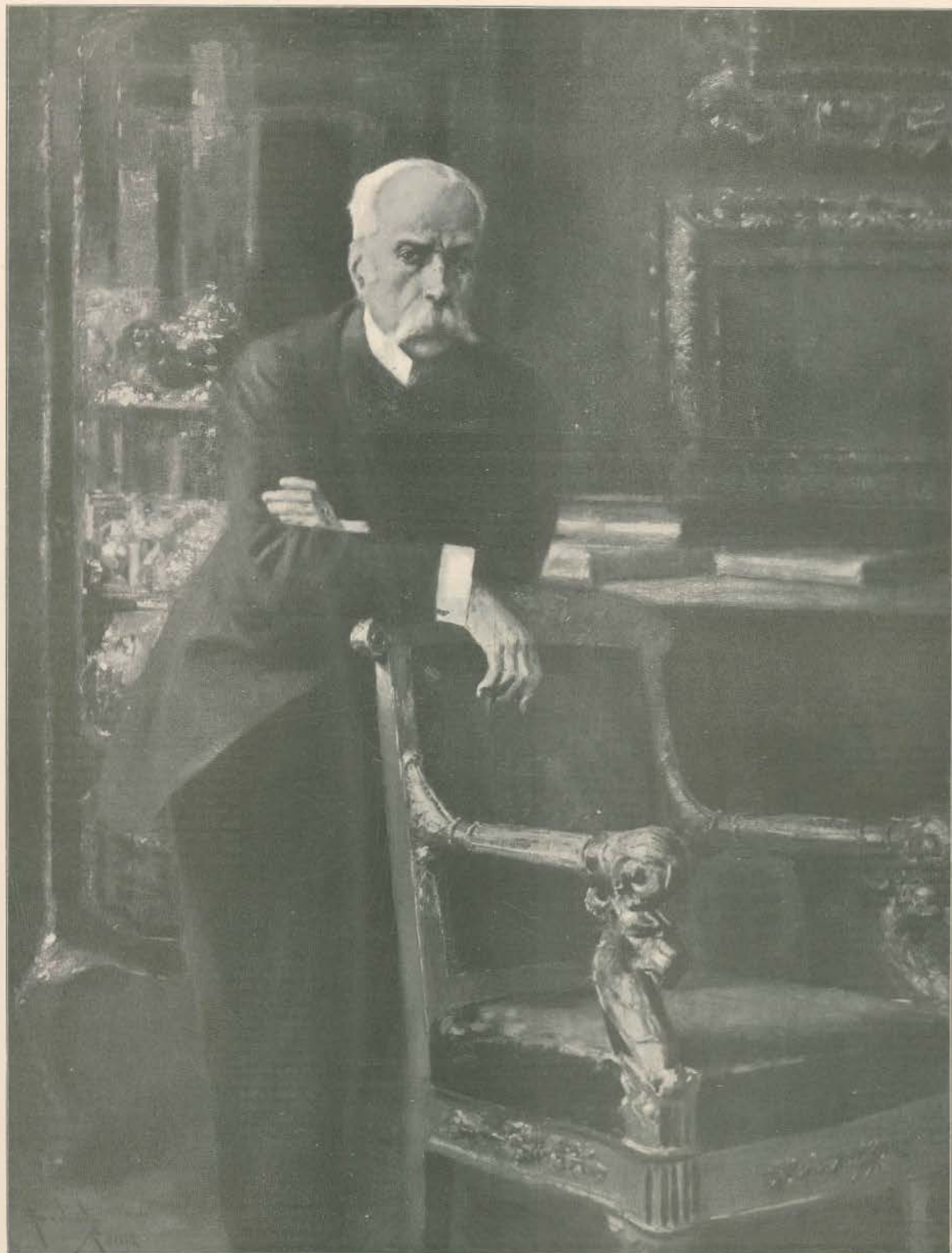
UM CURA BULGARO

Porém, entre essa paz desejada e proclamada e a que Lisboa eternamente gosa, vae a differença da appetecida quietação d'um sabio, retirado para se dedicar aos seus estudos, ao bem e á sciencia, e a modorra d'um burro faminto em descampado arido, coberto de moscas e de mataduras, n'um somno profundo, pesado, bem irmão da morte.

As outras cidades da Europa movem-se, para matar; Lisboa aquieta-se, para... morrer!

ROCHA MARTINS.

Novamente se agitam os estados balkanicos e a Turquia manda mobilisar tropas, a fim de manter em respeito bulgaros e albanezes, que mais uma vez debatem questões mais de liberdade que de religião. O dominio turco nos pequenos estados dos Balkans desde ha muito é mal visto e parece que n'este momento historico de quasi geral agitação os bulgaros se levantam contra os seus poderosos visinhos. O governo de Sofia toma providencias para que os turcos não transponham a fronteira e consta ter havido em Iakova um encontro entre turcos e argrantas sendo ferido Chemsi-pachá.

A independencia da Albania é um dos graves motivos que constantemente turbam a paz nos Balkans, porque em Salonica, Monastir e Janina vivem muitos milhares d'albanezes sempre promptos a reinvindicarem a sua liberdade confiscada pelos turcos no seculo XV, tendo os albanezes por campeão o grande Shancerberg cuja descendente é casada com D. Pedro Aladro, um hespanhol, hoje o grande agitador d'Albania e que pelo lado de sua mulher, a princeza Kastriata, é o pretendente ao throno.

OS PORTUGUEZES NO SALÃO DE ROMA
RETRATO DO SR. CONSELHEIRO MATHIAS DE CARVALHO, MINISTRO DE PORTUGAL JUNTO DO QUIRINAL, OBRA DO PINTOR HESPANHOL SANCHEZ DE BARBUDA

O EXERCITO JAPONEZ

A sua evolução

O exercito japonez era constituido no tempo das hordas nomadas pelo povo inteiro; até as mulheres, velhos e creanças marchavam para o combate.

UM EXERCICIO DE INFANTARIA JAPONEZA

Quando se fixaram definitivamente na ilha de Nippon, todos os homens validos tomavam parte voluntariamente na lucta, para a defeza da sua existencia, criando o mikado Louzin quatro grandes commandos militares, distribuindo por elles os seus mais habeis generaes, que passaram a ter o titulo de *shogouns* (generalissimos). Foi por esta epocha (33 A. C) que começaram as primeiras relações do Japão com a Coréa e a seguir as luctas que se tornaram tão repetidas com o Celeste Imperio.

Comtudo, as guerras frequentes com a Coréa fizeram desenvolver no mais alto grau a coragem no exercito e foram a preparação para a sua epoca heroica.

Foi depois a defeza confiada a uma parte da população e assim se succedem, aos fundibularios e frecheiros, os homens armados d'um sabre com o feitio de bainha tão caracteristico que ainda hoje se conserva no Japão.

Em muito mais alto grau do que na Europa, se vê o Japão a braços com encarniçadas luctas interiores, entre as grandes familias feudaes, e os exercitos eram criados, obedecendo cada um d'elles ao seu senhor.

A capital (Kioto) foi incendiada pelos partidos rivaes e os bonzos tornaram-se cada vez mais poderosos. Diremos de passagem que foi n'esta epoca de perturbações interiores que os portuguezes se estabeleceram pela primeira vez na ilha de Kiou-Siou e que S. Francisco Xavier emprehendeu a predica do christianismo.

O exercito japonez, destinado a servir continuamente nas luctas ambiciosas dos grandes, começa a progredir desde que appareceu Iyeyas, que é um dos nomes mais gloriosos da historia japoneza. Foi o fundador d'Yedo que promulgou rigorosas leis para o exercito, principes e grandes, fechando-se a era das guerras civis, até 1868, data memoravel da restauração imperial.

CAPITÃO COREANO

*

E' a partir de 1877 que o regimento feudal foi abolido e ratificados os tratados com as potencias estrangeiras. Mudada a capital para Iedo, que passou a denominar-se Tokio, o Japão marcha com passo agigantado no caminho da civilisação e, portanto, explica-se como o seu exercito é d'uma edade tão recente e só começa tão tarde a entrar no mundo das organisações europeias.

Com a restauração imperial, reunia o imperador Mousu-hito as forças militares do Japão e depois da Constituição de 1889 o imperador (Mikado) effectuou varias reformas no seu paiz e entre ellas mais intimamente a vida militar com a vida nacional, criando o serviço obrigatorio.

Tendem a desapparecer os combates sangrentos com o cunho da Edade Media, em que os combatentes se punham ao alcance da massa d'armas ou do antigo sabre japonez.

Officiaes instructores foram enviados a França até se dar o desastre de Sedan, em que passaram a receber a educação militar na Allemanha.

Apenas constituido e reorganisado o exercito japonez, recebeu o baptismo de fogo em 1877 contra os *samourai* de Satsum revoltados. Era uma lucta em que se cavava finalmente o tumulo ao antigo Japão, sepultado pelo novo.

*

O Mikado é o chefe supremo do exercito da terra e do exercito de mar. Um conselho militar, composto de officiaes mais graduados do imperio, reune sob a presidencia de Mikado em circumstancias importantes para a defeza nacional. Actualmente são os quatro grandes marechaes que compõem o conselho militar do imperador: O almirante Ito e os marechaes Iamagata, e Oyama, tendo como chefe de estado maior o principe Komatou. O ministro da guerra constitue o orgão supremo d'administração do exercito.

UM GUERREIRO DO SECULO XIII

Todos os homens validos fazem parte do exercito activo, desde que completam vinte annos de edade. No fim de 3 annos passam á reserva, onde permanecem durante quatro annos e quatro mezes; decorrido esse praso, passam á reserva territorial.

Todo o japonez desde os 17 aos quarenta annos, sempre que não faça parte d'alguma das classes indicadas, é inscripto na Landesturn (leva em massa).

O PAVILHÃO JAPONEZ

Pela ultima lei d'organisação do exercito, começada em 1891 para terminar em 1903 — o exercito japonez comprehendia a divisão da guarda imperial, sob o commando pessoal do imperador, 3 corpos d'exercito a 4 divisões cada um; a milicia de Ierso; as tropas de policia de Tsousima, o corpo independente d'occupação de Pescoderos e Formosa, e finalmente a gendarmeria, a reserva e a territorial.

Cada uma das 13 divisões do exercito activo consta de: duas brigadas d'infantaria a 2 regimentos, subdivididos estes em tres batalhões de 4 companhias; um regimento de cavallaria a 5 esquadrões, um regimento de artilharia com duas secções d'artilharia de campanha e uma secção d'artilharia de montanha, tendo cada secção 3 baterias a 6 peças; um batalhão de pontoneiros dividido em 3 companhias e um batalhão de trem de 2 companhias.

O exercito japonez dispõe actualmente de 30:000 cavallos.

O ministerio da guerra, com o concurso d'officiaes francezes e allemães, criou uma escola d'estado maior, uma escola de guerra, uma escola de cadetes, uma escola d'artilharia e d'engenharia, uma escola de sargentos, escolas de tiro e gymnastica, escola de veterinarios, escola de pyrotechnicos e um instituto medico. A maior parte d'estes estabelecimentos estão installados em Tokio.

ANTIGO LANCEIRO

*

Uma severa selecção faz com que o soldado japonez seja um soldado excepcionalmente robusto.

A educação do soldado e a sua instrucção militar começa no inverno ás cinco horas da manhã e no verão ás 4 e meia. Um quarto de hora depois do toque d'alvorada, o soldado toma uma refeição de arroz, legumes, carne fria e duas chavenas de chá. A seguir tem exercicio. Desenvolve-se no exercicio de gymnastica, tiro, queimando cada soldado a media de 250 cartuchos por anno, na esgrima de bayoneta e em longas marchas de resistencia. Das 6 ás 11 horas, com um descanço de 5 minutos em cada meia hora, o soldado japonez tem instrucção ministrada pelos officiaes, d'onde resulta uma perfeita homogeneidade entre a tropa e a corporação de officiaes. Ao meio dia tem logar a segunda refeição, semelhante á primeira. Do meio dia ás 2 horas, descanço e serviço interior; das 2 horas ás 6, novos exercicios, e das 6 horas ás 7 a terceira e ultima refeição. Fica livre das 7 ás 9 horas, e se tem alguns *cens* na algibeira não deixa de tomar uma chavena de chá. Em manobras não acantona e alimenta-se com um punhado de arroz e peixe secco.

*

A infantaria está armada com a espingarda de repetição *Arisaka* de 6.^{mm}5, modelo 1898, a cavallaria com a carabina *Mourata* e

UM ARCHEIRO DO SECULO XII

sabre ou a lança se pertence á cavallaria da guarda.

A artilharia de campanha está armada com peças de tiro rapido dos ultimos modelos. Provem em parte da fabrica Krupp, onde mandam 10 officiaes estudar annualmente, para serem impedidos depois no seu arsenal d'Osaka, que lhes fornece alguma artilharia.

ARTILHARIA JAPONEZA

Todas as peças teem um calibre uniforme e deram provas de optimas qualidades no cerco de Pekin.

As armas e munições são fabricadas nos arsenaes de Tokio e d'Osaka e no arsenal de Taipé recentemente criado na Formosa.

A polvora sem fumo é-lhes fornecida pelas fabricas d'Iwabana e Itabaschi.

A cavallaria remonta com cavallos indigenas, mas os officiaes estão auctorisados a apresentar cavallos estrangeiros.

O governo japonez importa cavallos reproductores, das melhores marcas, de Inglaterra, America e Australia. Toda a mobilisação, inspecções geraes, a organisação do estado maior, e como de resto tudo o mais no exercito tem sido copiado fielmente da Allemanha.

As manobras annuaes realisadas no exercito japonez tornam-se notaveis pelos cargas impetuosas que realisam os dois partidos. Já deram provas, na tomada de Pekin, que não é só na paz que marcham resolutamente contra um inimigo figurado. Como se sabe, foram os primeiros a chegar quando cooperaram com as forças internacionaes na revolta dos boxers.

Toda esta organisação obedecendo a um systematico fim, pautada, regrada, tem dado excellentes resultados.

E assim viu-se, n'um momento, os japonezes largarem as suas vestes largas, substituirem com a sua religião, com os seus cultos, os trapos, como hoje ainda usam os chinezes e coreanos, viu-se deitarem para longe as tradições e os bonzos, para se entregarem a uma civilisação que na Europa lhes abria os braços.

Em vez d'um exercito inculto, sem armas, sem munições, sem estado maior, teem perfeitamente organisada a arte da guerra com officiaes tão illustrados como

MARECHAL DO EXERCITO JAPONEZ

os do velho mundo. A sua artilharia é poderosa, vae da Europa, apesar de no Japão existirem arsenaes; os estudos militares estão ali perfeitamente desenvolvidos e á força de milhões e de audacia os amarellos prepararam-se n'um curto espaço para as luctas que se devem travar no Extremo Oriente, no grande mercado que a Europa cubiça, que ardentemente deseja.

Todo o cidadão em tempo de guerra é militar, ao menor rebate recolhem das universidades europeias os estudantes japonezes que, cheios de ideias modernas, em grandes alardes patrioticos, correm a incorporar-se nas fileiras que marcham para a guerra.

E' com essa orientação, os japonezes esperam vencer, apesar de terem na frente o mais terrivel dos inimigos.

Até aqui fôra apenas a lucta com chinezes, com boxers, com tribus nomadas ou com exercitos mal organisados; até aqui fôra apenas o exercicio, as manobras campaes que custaram algumas vidas mas foram proveitosas aos japonezes, que assim mostraram ao mundo a sua força. No momento em que a Russia se preparava para na primavera lhes declarar a guerra, elles puzeram de lado receios, velhos temores, e lançaram para a frente os seus exercitos organisados á europeia, com os requintes que elles lhe souberam introduzir, e sem a mais pequena hesitação puzeram em marcha os seus vasos de guerra, mobilisaram as suas forças de terra, atroaram o mundo com os seus canhões, encheram de surpreza a Europa e mostraram que sabiam responder aos ataques, que não deixariam calcar o seu exercito nascente mas já glorioso.

Ainda não se deu o verdadeiro encontro em terra, encontro que deve ser terrivel, pois dois exercitos poderosos vão degladiar-se.

RECRUTAS JAPONEZES

Veremos se os japonezes com essa verdadeira tropa d'*élite*, na lucta que se vae travar, sabem confirmar os creditos de que se rodearam depois da campanha de 1894-95 contra a China, onde obtiveram um triumpho tão rapido e decisivo.

JOÃO CORREIA DOS SANTOS.

A EXPLOSÃO NAS OFFICINAS DO REGIMENTO DE INFANTARIA N.º 9, EM LAMEGO

Suppõe-se que a explosão teve causa n'uma porção de materia explosiva que existia na officina de serralharia d'este regimento, a qual, sendo tocada por uma faisca da forja, pegou fogo ás officinas, ferindo os encarregados dos carpinteiros e dos serralheiros srs. João Aniceto Pereira e Manuel Ramiro. As portas, que eram fortes, ficaram feitas em astilhas, os vidros de quasi todas as janellas do quartel voaram com a força da explosão e foram abaladas as grossas paredes do edificio.

As muares que estavam na cavalariça contigna ás officinas soffreram algumas contusões, sendo tambem muito avultados os prejuizos materiaes. O encarregado João Aniceto foi conduzido ao hospital militar sendo grave o seu estado.

O TENENTE JOÃO DA CRUZ DA FONSECA E ALMEIDA

Este official, que morreu em Africa, foi quem, por occasião da guerra com o Gungunhana, dirigiu os trabalhos de aberturas de estradas, de Mutamba a Macumby, alem de ter prestado muitos outros relevantes serviços, o que lhe valeu ser louvado pelo governador de Inhambane. Morto no seu posto, n'aquelle clima inhospito, em serviço da patria, a sua memoria tem jus á veneração de todos os portuguezes.

DR. PEREIRA E CUNHA
Ex-governador civil de Lisboa, recentemente nomeado juiz do tribunal internacional do Egypto

SR. CONDE DE SABROSA
Novo governador civil de Lisboa

AS EXPERIENCIAS DO NOVO MATERIAL D'ARTILHARIA NO POLYGONO DE VENDAS NOVAS EM 22 DE FEVEREIRO

PEÇA CANET, OS PREPARATIVOS. — SUA MAGESTADE EL-REI COM OS SEUS AJUDANTES DE CAMPO. — SUA MAGESTADE EL-REI O SENHOR D. CARLOS EXAMINANDO O ALVO. — SUA ALTEZA REAL O INFANTE D. AFFONSO, O SR. CONTRA-ALMIRANTE BRITO CAPELLO, O SR. MINISTRO DA GUERRA, O SR. CORONEL MATHIAS NUNES E O ENGENHEIRO CLEMENCEAU, DA CASA CANET, ASSISTINDO ÁS EXPERIENCIAS. — UMA PEÇA KRUPP. — O ARMÃO DE UMA PEÇA KRUPP.

A's experiencias assistiram sempre Sua Magestade El-rei e o infante D. Affonso, seguindo-as attentamente. Tratava-se de experimentar o material das casas Krupp e Erard, d'Allemanha, e Canet, de França. As peças fizeram uma serie de 6 tiros á distancia de 4:000m colhendo-se resultados quasi eguaes entre ellas. As peças Canet executaram 8 tiros em 24 segundos, e a Krupp 10 tiros em 41 segundos, demonstrando-se a precisão de tiro da primeira. Não se realisou ainda a experiencia da peça Erard. A peça Canet é toda d'aço com 75mm de calibre, dispondo de um escudo perpendicular ao eixo que serve para proteger os artilheiros do fogo inimigo. Cada carro de munições transporta 72 projecteis, em quatro compartimentos, em fórma de armario, onde são alojados, perfeitamente isolados uns dos outros por meio de cellulas. A polvora d'estes projecteis produz uma quantidade de fumo insignificantissima. A peça Krupp é d'uma disposição parecida com a Canet, sendo porém a capacidade para o transporte de munições muito superior á primeira, estando os projecteis introduzidos em pequenos cabazes de verga, que se tiram do carro á medida que se faz fogo. O projectil está ainda revestido de uma camisa de lona, que contribue para retardar mais o tiro, ao contrario do que se dá com a outra peça. O apparelho de pontaria conserva-se um pouco retrogrado, mantendo a mesma linha de mira para elevação e duração.

A DIVISÃO NAVAL PORTUGUEZA NO EXTREMO-ORIENTE—AS INSTALLAÇÕES DO CRUZADOR «VASCO DA GAMA»

O CANHÃO DE RÉ, PEÇA DE 15 CENT. TIRO RAPIDO ARMSTRONG—UM GRUPO DE MARINHEIROS—O CRUZADOR POR BOMBORDO—O MASTRO DA PRÔA E PONTE DE SERVIÇO—A RODA DO LEME A MEIA NAU —UMA PEÇA NA PONTE DO MASTRO DE PRÔA—CASA DE MANEATO JUNTO AO MASTRO DA PRÔA—A CAMARA DO COMMANDANTE—O ESTADO MAIOR DO NAVIO: 1.°, COMMANDANTE, CAPITÃO DE MAR E GUERRA MANUEL LOURENÇO VASCO DE CARVALHO—2.°, IMMEDIATO, CAPITÃO DE FRAGATA FRANCISCO JULIO BARBOSA LEAL—3.°, 2.° TENENTE ISAIAS DIAS NEWTON—4.° DR. ANTONIO J. RODRIGUES BRAGA—5.°, 2.° TENENTE MANUEL GONZALES DE CAMPOS RUEDA—6.°, 1.° TENENTE ANTONIO LADISLAU PARREIRA—7.°, 2.° TENENTE ANTONIO DE ANDRADE PISSARRA E GOUVEIA—A CAMARA DE VISITAS DO COMMANDANTE

O *Vasco da Gama* ficou um dos melhores navios da marinha portugueza após as modificações soffridas em Leorne nos estaleiros do sr. Fratelli Orlando, onde lhe foram augmentados 9,m 92 a meia nau e 2 metros á prôa, para lhe alterar a fórma.

O cruzador tem agora as seguintes dimensões: comprimento entre perpendiculares, 70m,88; bocca, 12m,19; immersão media, 5m,56; differença de immersão, 1m,50; deslocamento, 3:020 toneladas; duas machinas de triplice expansão; cinco caldeiras cylindricas; 420 toneladas de carvão; potencia indicada (approximadamente) 6:000 cavallos; raio d'acção, 5:500' a 10 milhas; velocidade maxima, 15'5; guarnição, 260 homens; armamento, 2 peças de $^{20,3}/_{45}$; 1 de $^{15}/_{45}$; 1 de $^{76}/_{45}$; 8 de $_{47}/_{40}$ e duas metralhadoras de 6,5mm.

Protege-o uma couraça de ferro forjado com 25 centimetros e 4 millimetros da maxima espessura.

As machinas são alimentadas por cinco caldeiras cylindricas, com 4 fornalhas de chapa ondulada cada uma, formando dois grupos.

Todos os apparelhos auxiliares são independentes das machinas motoras, constando de dois pares de bombas de ar, dois apparelhos principaes de alimentação; um reaquecedor de agua de alimentação com filtro; dois pares de bombas para esgoto de porões, duplo fundo e para serviço de incendio; um condensador auxiliar, uma bomba Worthington servindo para a circulação do mesmo e para a bomba de ar respectiva.

A installação electrica comporta tres dynamos Compound com motores proprios, de um só cylindro. Os dynamos podem ser associados em quantidade, para o que ha um quadro especial e são de 110 ampères a 110 volts, fornecendo energia para a illuminação interna e externa e para a transmissão da força.

Os circuitos são em numero de sete, sendo dois para os paioes, um de bombordo outro de estibordo, dois para as cobertas e alojamentos, um para o convez, um para signaes e navegação e um para transmissão de força. Além d'estes, ha dois circuitoss dos projectores. Todos os circuitos electricos expostos á acção da agua são protegidos por tubos Bermann. Os telegraphos para serviço das machinas são electricos.

Sobre o tombadilho vê-se uma peça de 15 45 cent. com o angulo de 340°; dois mastros militares com duas metralhadoras de 6,5mm servidas por elevador manual. A vante uma peça de 76mm; por sante a ré está collocado o blockaus e a ponte de commando com a casa de navegação a meio e aos extremos duas peças de 47mm. Sobre os portalós e apoiada sobre o *roof* ha uma outra ponte com duas peças de 47mm.

Na primeira coberta de proa para ré estão installadas: enfermaria com dez camas, casa de banho e botica; a seguir, alojamento do estado menor com camara, despensa e outra casa de banho.

Para ré da couraça transversal de vante do antigo reducto, unica que se conservou como já dissémos, fica a coberta dos fogueiros. A's amuradas, a partir da mesma couraça transversal, ficam as reservas de carvão, que se prolongam até ás casas das machinas, servindo de protecção. N'esta mesma coberta ficam as cozinhas do commandante e officiaes. Em seguida ás cozinhas fica a caixa das saias das duas chaminés e entre estas a officina da machina. Segue, fazendo parte d'esta mesma caixa, um espaço dividido em tres partes, para casa de banho dos fogueiros, a meio navio; a bombordo, secretaria dos sargentos, e a estibordo, arrecadação de ferramentas da machina.

Segue-se a meio navio a camara dos guardas-marinhas com escotilhas e dois camarotes para os segundos machinistas e a ante-camara dos officiaes com a escada para o convez. A's amuradas: a bombordo, tres camarotes para officiaes e casa de banho; a estibordo, tres camarotes e a despensa dos officiaes. Em seguida a camara dos officiaes, com tres vigias por bordo e escotilha para o tombadilho, e no bico da pôpa tres camarotes para officiaes.

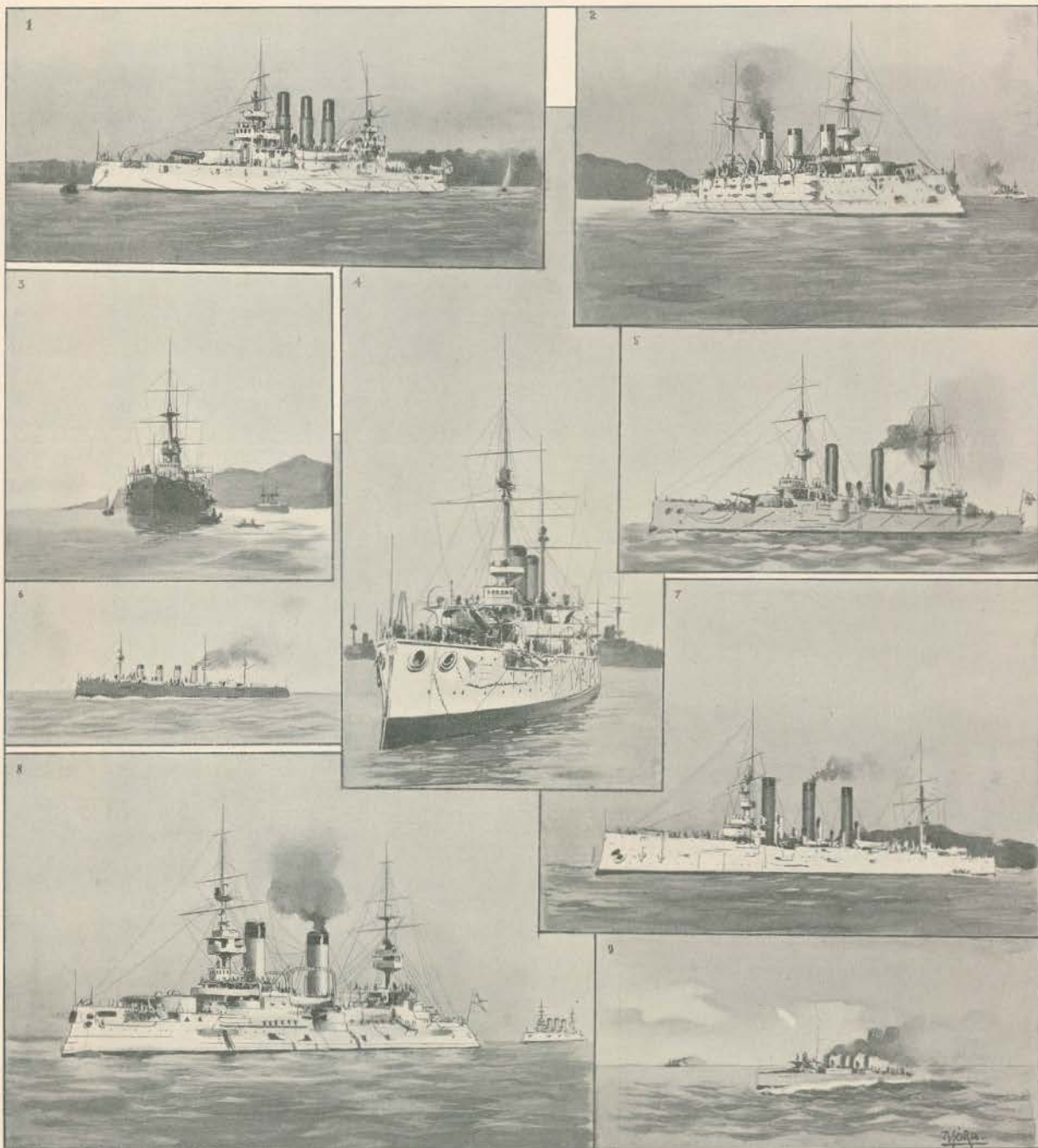
No pavimento superior, a partir de prôa em todo o comprimento do castello, coberta de marinhagem com banho da guarnição no bico de prôa e a machina dos cabrestantes. Vem sahir tambem n'esta coberta o monta-cargas de 76 e 47mm. Aqui ficam duas peças de 47mm. Em seguida uma casa de pilotagem; debaixo da ponte e ás amuradas armarios para parlamentas de embarcações.

Os alojamentos do commandante são separados por um corredor a estibordo. A bombordo fica o camarim, communicando com a sala de recepção; a estibordo casa de banho e despensa, seguindo-se-lhe a camara com terraço.

O *Vasco da Gama* tem estas embarcações: 1 escaler a vapor, 2 baleeiras salva-vidas, 1 canôa do commandante, 1 baleeira de officiaes, 1 escaler de 10 remos, 1 escaler de 12 remos e 1 bote.

A CHEGADA A LISBOA DA TUNA DOS ESTUDANTES DE S. THIAGO DE COMPOSTELLA

Em 21 de fevereiro, pelas 4 horas da tarde, chegou á estação do Rocio a tuna Academica Compostellana, a qual foi recebida no meio do maior enthusiasmo pelos estudantes de Lisboa. Os academicos hespanhoes tinham vindo de Coimbra, onde lhes fôra feita uma grandiosa recepção que encontrou echo na capital. No dia seguinte ao da chegada foram recebidos pela camara municipal de Lisboa, trocando-se saudações entre o presidente da tuna e o presidente do municipio.

N'esse mesmo dia visitaram as Escolas do Exercito e Medica e realisou-se na manhã de 24 uma sessão solemne na Escola Polytechnica, na qual mais uma vez se affirmaram os laços de solidariedade existentes entre as duas academias da peninsula. A tuna de Compostella é composta pelos seguintes srs: D. Antonio Canevas Gomez Araujo, D. Otero Romero, D. Antonio Lopez, D. Francisco Bermudez, Sanchez Mauro D. Ermesindo Perez, D. Pio e D. Luiz Garcia Hernandez, D. Ricardo Perez Linares, D. Narciso Copedano, D.D. Antonio Palacios, D. José Fonteula, D. Alvaro Lobo, D. Luis Zubillaga, D. Emiliano Zoiné, D. Saturnino Rollan, D. Eladio Hevia, D. Julio Mengotti Alvarez Novoa, D. Desiderio Paz Zegneroa, D. Roman Powez Cold, Gonzalez Vidal, D. Constantino Amado, D. José Perez Aolá, D. Manuel Rey Rego, D. Luis Oabino, D. Miguel Barea, D. Miguel Barros, D. Juan José Pilar Sixto, D. Julio Illade, D. Vicente Sando, D. Cipriano Porta, D. Ladron de Gevara Diaz de Gevara, D. Enrique Ferreira, D. José Parela Soltero, D. Joaquim Cotarelo, D. Vicente Santamariana, D. Manuel Levit Brajo, D. Luis Perez Carballa e D. Ramon Gonzalez Diegnez.

A GUERRA RUSSO-JAPONEZA

A marinha de guerra japoneza tem augmentado consideravelmente e sem a guerra actual, dentro em quatro annos, o Japão possuiria uma das melhores esquadras do mundo nas aguas do Pacifico. Querendo reunir uma armada superior a todas as do mundo que fundeam n'aquelle oceano, desde 1896 que o paiz do Extremo Oriente começou a mandar construir navios na Europa e na America, os quaes constituem a defeza das suas costas. Em Tokio mandaram construir arsenaes confiando a sua direcção ao engenheiro naval francez mr. Bertin, mas, apesar de tudo, os japonezes continuaram a mandar fazer navios no estrangeiro, tendo para isso uma verba de 600 milhões de francos. Desde 1890 foram construidos para o Japão 6 couraçados de esquadra, sendo 2 de 12:500 toneladas e os outros de 15:000, 11 cruzadores couraçados de 9:500 toneladas, 3 cruzadores guarda costas de 4:300 toneladas, 15 contra torpedeiros de 275 a 360 toneladas, 29 torpedeiros de 1.ª classe de 80 toneladas, 15 de 3.ª classe de 60 toneladas. Alem d'estes navios possue ainda 2 couraçados, 2 canhoneiras couraçadas, 13 cruzadores, 17 canhoneiras e 10 torpedeiros, alem dos transportes e dos navios escolas. Ultimamente foi construido em França o *Asuma* e em Inglaterra o *Asahi*.

1 O couraçado russo *Retrisan* que foi posto fóra do combate em Porto Arthur. O *Retrisan* tem 376 pés de comprimento, desloca 12:700 toneladas, e anda 20 milhas por hora. — 2 O couraçado japonez *Mikasa*, desloca 15:200 toneladas, tem 50 peças e 5 tubos lança-torpedos. — 3 O cruzador russo *Pobieda*. Foi lançado ao mar em 1900; comprimento 435 pés, desloca 12:674 toneladas e tem o andamento de 19 milhas por hora. — 4 *Asahi*, o ultimo couraçado japonez construido em Inglaterra. — 5 O *Asuma*, o ultimo couraçado japonez feito em França, foi construido nos estaleiros de Loire sob a vigilancia d'engenheiros japonezes, sendo lançado á agua em 24 de junho de 1898. As suas principaes dimensões são: comprimento, 135m,90; largura 18,m44 e tem 9750 toneladas. O seu armamento consta de 4 canhões de 8 pollegadas, 12 de 6 pollegadas, 12 de 75 millimetros, 5 tubos lança-torpedos, a machina é da força de 19:000 cavallos o que dá a velocidade de 20 nós maritimos. O *Asuma* tem a equipagem de 458 homens e 28 officiaes. — 6 O cruzador-couraçado russo *Rossia*, com 12:400 toneladas, mede 146m de comprimento, 14:500 cavallos de força, e anda 20 milhas por hora. — 7 O cruzador russo *Pallada*, de 1.ª classe, mede 126m de comprimento, desloca 6:800 toneladas, 16:000 cavallos de força e anda 21 milhas por hora. — 8 O cruzador russo *Czarewitch*, que soffreu avaria no combate de Porto Arthur. Tem de comprimento 388 pés, desloca 13:110 toneladas e anda 19 milhas. — 9 O cruzador japonez *Akebono*. E' um destroyer cujas machinas teem a força de 5:700 cavallos e que lhe dão o andamento de 19 milhas por hora.

YU-KIENG LI HSI, REI DA CORÊA
Nasceu em 1851 e subiu ao throno em 1864

EMILY BROWN, RAINHA DA CORÊA
E' americana e casou com o rei da Corêa em 1870

O PRINCIPE ISO-HI-TO
Herdeiro do throno do Japão. Nasceu em 1879

YAMAGATA
E' um dos homens mais importantes do Japão e commandou em chefe o exercito d'operações. Foi o general em chefe no tempo da guerra da China com o Japão.

O PRINCIPE YI-IDROK
Herdeiro do throno da Corêa. Nasceu em 1874

O BARÃO KODAMA
General sub-chefe do estado-maior japonez. Foi o ministro da guerra durante o conflicto chinez

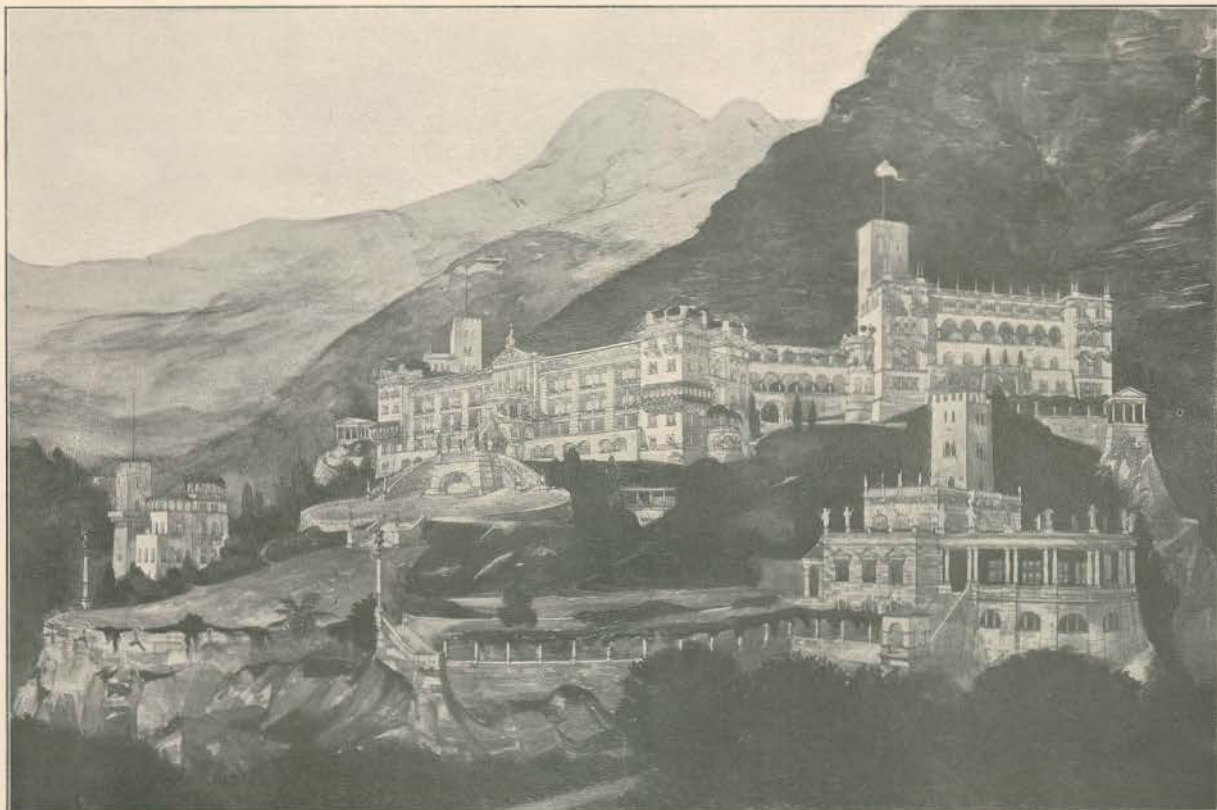
TOGO
Almirante da esquadra activa japoneza, tornou-se extremamente notavel pelos seus brilhantes ataques aos russos em Chemulpo e em Porto Arthur, onde a esquadra do seu commando tem sido vencedora.

KURINO
Ex-ministro do Japão em S. Petersburgo. Pela mão d'este diplomata passaram todos os documentos referentes á questão actual. Deixou a capital da Russia em 6 de fevereiro e passou a Berlim, a aguardar ordens do seu governo.

GAMBEI YAMAMATO
Ministro da marinha do Japão, chefe da administração naval. E' um dos mais instruidos japonezes. Educado em Inglaterra com todos os requintes da civilisação, é um verdadeiro conhecedor dos assumptos navaes.

Quadro de Carlos Reis

S. M. EL-REI O SENHOR D. CARLOS, A CAVALLO, SEGUIDO PELOS SEUS AJUDANTES DE CAMPO

E' um magnifico trabalho a que o artista deu todo o vigor, fazendo destacar brilhantemente a figura de S. M. El-Rei. S. M. a rainha senhora D. Maria Pia, acompanhada pela sr.ª marqueza de Bellas e pelo sr. coronel Benjamim Pinto, esteve no dia 21 no *atelier* do sr. Carlos Reis, tendo para o pintor palavras de elogio.

O PROJECTO DO FUTURO SANATORIO NA ILHA DA MADEIRA

Serão uns magnificos edificios esses que a sociedade allemã da qual é presidente o principe de Hohenlohe vae construir na Madeira, aproveitando o vantajoso clima da ilha para a cura da tuberculose. Dentro em pouco começarão os trabalhos e dentro em um anno far-se-ha a inauguração do primeiro sanatorio. Construir-se-hão edificios a grandes altitudes e outros junto ao mar, ficando a dominar todos elles a soberba construcção do Sanatorio-Palace.

Consta de tres corpos este edificio, os quaes communicarão entre si por passagens cobertas e vastas escadarias. Haverá ali um luxo de perfeito hotel de primeira categoria com a sua bibliotheca, salas de leitura com terraços, salões para *five-o-clok-teas* o que permittirá aos doentes goso da vida mundana tanto quanto lhes poder ser concedido. No andar de baixo serão os gabinetes dos medicos, os laboratorios, etc. E' no primeiro andar construir-se-ha uma magnifica sala de jantar e um grande *restaurant* que communicará com a larga varanda.

Haverá tambem dois edificios para doentes pobres que serão mantidos a expensas da sociedade allemã que vae explorar os Sanatorios da ilha da Madeira.

Na formação da companhia entram, alem do principe d'Hohenlohe, os duques de Ugert, de Frachemberg, o principe Bisson de Cariend, conselheiros Hecht, Baverie e Audery. Em 12 de março proximo parte de Southampton para a Madeira a commissão scientifica composta dos drs. Pannewietz e Intesse, que vão estudar os logares mais apropriados para o estabelecimento dos Sanatorios.

CAPITÃO TENENTE DIOGO DE SÁ
Commandante da *Diu*

CAPITÃO DE FRAGATA
FRANCISCO JULIO BARBOSA LEAL
O immediato do *Vasco da Gama*

CAPITÃO DE MAR E GUERRA
VASCO DE CARVALHO
Commandante do *Vasco da Gama*

CAPITÃO DE FRAGATA ANTAS RIBEIRO
Commandante do *Adamastor*

A CANHONEIRA «DIU»

O CRUZADOR «VASCO DA GAMA»

O CRUZADOR «ADAMASTOR»

A DIVISÃO NAVAL PORTUGUEZAA NO EXTREMO ORIENTE

A divisão naval portugueza é composta pelo cruzador *Vasco da Gama*, com 294 praças de marinha, sob o commando do sr. capitão de mar e guerra Vasco de Carvalho, pelo cruzador *Adamastor*, com 220 praças, sob o commando do sr. capitão de fragata Antas Ribeiro, e da canhoneira *Diu*, commandada pelo sr. Diogo de Sá, com 105 praças de marinhagem. O *Adamastor* foi a Moçambique metter carvão e receber as cartas de navegação pertencentes á *Zaire*, seguindo por Colombo, Singapura, Houng-Kong, Shangae e Macau. O *Vasco da Gama* ficará em Nagasaki (Japão), o *Adamastor* em Shangae e a *Diu* em Macau. A viagem do *Vasco da Gama* será de 33 a 35 dias, tendo o seguinte itinerario: Port-Said, Suez, Aden, Colombo, Singapura Hong-Kong e Shangae.

OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

A aldeia está edificada sobre uma fraca corrente de agua, e em volta d'ella se vê uma vegetação viçosa. Para além d'este circulo encantado, por espaço de milhas de todos os lados, se extende um arido deserto de areia, que produz um arbusto tufado e cinzento, semelhante á salva. Uma aldeia da Syria é a vista mais triste que se pode imaginar, e os seus arredores estão em perfeita harmonia com ella.

Eu não teria feito esta dissertação sobre as aldeias da Syria, se não se desse o facto de Nemrod, o poderoso caçador de notoriedade biblica, estar enterrado em Jonesborough, e eu desejar informar o publico onde é que elle está. A' semelhança de Homero, diz se que elle foi sepultado em muitas outras terras, mas este é o unico verdadeiro logar em que repousam as suas cinzas.

Quando se dispersaram as tribus primitivas, ha mais de quatro mil annos, Nemrod com numerosa companhia percorreu trezentas ou quatrocentas milhas e acampou onde foi depois a grande cidade de Babylonia. Nemrod edificou essa cidade. Principiou tambem a construir a famosa torre de Babel. Elevou-se até oito andares, dos quaes dois permanecem ainda na actualidade — um monte colossal de tijolo, com o centro despedaçado pelos terremotos, e queimado e vitrificado pelos relampagos de um Deus irado. Mas a ruina ha de ainda durar seculos, para vergonha dos pécos trabalhos d'estas modernas gerações de homens. Os seus aposentos immensos são habitados por móchos e liões, e o velho Nemrod jaz desprezado n'esta miseravel aldeia, muito longe do seu grande commettimento.

Levantámos o acampamento pela manhã muito cedo, e seguimos a cavallo sempre, sempre, sempre, assim me parecia, sobre desertos requeimados e pedregosos outeiros, mortos de sêde, e sem agua nenhuma para beber. Haviam-se exgotado os odres n'um instante. Ao meio dia fizemos alto deante da mesquinha cidade arabe de El Yuba Dan, empoleirada na encosta da montanha, mas o drogman disse que, se lá fossemos em cata de agua, seriamos atacados por toda a tribu, que não gostava de christãos. Tivemos de proseguir a viagem. Passadas duas horas, chegámos ao sopé de uma elevada montanha, coroada pelo castello de Banias que se está desmoronando, e é, pelo que tenho visto, a ruina mais majestosa n'aquelle genero que ha na terra. Tem mil pés de comprimento e duzentos de largura, todo da mais symetrica e ao mesmo tempo da mais pesada cantaria. As torres e bastiões massiços teem mais de trinta pés de altura, e foram de sessenta. Do pico da montanha se elevam as suas quebradas torrinhas por cima de bosques de antigos carvalhos e oliveiras, e o seu aspecto é admiravelmente pittoresco. E' tão grande a sua antiguidade que ninguem sabe quem o edificou ou quando foi edificado. E' absolutamente inaccessivel, excepto n'um logar, onde um caminho estreito serpeia por entre as solidas rochas para a porta levadiça. Os cascos dos cavallos abriram buracos n'essas rochas até á profundidade de seis pollegadas durante os seculos em que houve guarnições no castello. Por espaço de tres horas divagámos nas camaras e cryptas e carceres subterraneos da fortaleza, e passámos por onde estiveram os cruzados vestidos de malha, e por onde os heroes phenicios tinham andado antes d'elles.

Encheu-nos de admiração que um tão solido monte de cantaria pudesse ser abalado até por um terremoto, e não pudemos descobrir senão passado algum tempo o agente de destruição que converteu Banias em uma ruina, e então a nossa admiração augmentou dez vezes. Tinham cahido sementes nas fendas dos grandes muros; as sementes haviam germinado; os tenros e insignificantes germes endurecido; foram-se tornando cada vez maiores; e por effeito da pressão constante e imperceptivel forçaram as grandes pedras a separar-se, e agora estão causando destruição certa na obra gigantesca que até affrontou os terremotos.

Das velhas paredes brotam por toda a parte arvores nodosas com os ramos entrelaçados, e aformoseam e ensombram as denegridas construcções com o luxo silvestre da folhagem.

D'essas torres antigas avistámos uma verde planicie muito extensa, que brilhava com as nascentes e riachos que são as origens do sagrado rio Jordão. Foi uma vista agradavel depois de tanto deserto.

E, como a noite se approximava, descemos a montanha por meio de florestas dos carvalhos biblicos de Bashan (pois n'essa occasião iamos já penetrando na terra Santa, ha tanto procurada), e mesmo na raiz da montanha, em face do immenso valle, entrámos na pequena e execranda aldeia de Banias, e acampámos n'um grande bosque de oliveiras proximo de uma corrente de agua scintillante, cujas orlas eram guarnecidas de figueiras, romanzeiras e loureiros cobertos de folhas. Os arredores da aldeia são um paraiso.

A primeira necessidade que se sente, estando uma pessoa a arder e cheia de poeira, é ver se toma um banho. E fomos pela beira da corrente até onde ella rompe do flanco da montanha, umas trezentas jardas das barracas, e tomámos um banho tão gelado que, se eu não soubesse que essa era a origem principal do rio sagrado, cuidaria que me havia de fazer mal.

Os incorrigiveis peregrinos vieram com os bolsos cheios de specimens quebrados por elles nas ruinas. Tiraram á força fragmentos do tumulo de Noé; das delicadas esculpturas dos templos de Balbec; das casas de Judas e de Ananias em Damasco; do tumulo de Nemrod, o valente caçador; das apagadas inscripções gregas e romanas existentes nas vetustas muralhas do castello de Banias; e agora teem estado lascando esses velhos arcos que Jesus viu. São capazes de levar comsigo o Calvario, quando sahirem de Jerusalem!

As ruinas qe ha aqui não são muito interessantes. Ha as paredes massiças de um grande edificio quadrado que foi outr'ora a cidadella; ha uns arcos antigos muito pesad s, e tão cobertos de destroços que mal se erguem acima do solo; ha grossas canalisações por onde corre o

crystalino ribeiro do qual nasce o Jordão; no flanco da montanha estão os alicerces de um custoso templo de marmore que Herodes o Grande aqui edificou — ainda restam pedaços do seu formoso mosaico; ha uma bonita ponte antiga de pedra, que talvez aqui estivesse antes do tempo de Herodes; espalhados por toda a parte, pelas veredas e pelos bosques, capiteis corinthios, pilares de porphyro quebrados, e pequenos fragmentos de esculptura; e lá em cima no precipicio onde a fonte irrompe estão inscripções gregas muito gastas sobre nichos na rocha, onde em tempos antigos os gregos e depois de elles os romanos adoraram o rustico deus Pan. Agora, porém, arvores e arbustos crescem sobre muitas d'essas ruinas; as miseraveis cabanas de um pequeno mundo de arabes estão postadas sobre a quebrada cantaria da antiguidade, e muito custa a crer que uma cidade laboriosa e bem construida, aqui existisse jámais, ainda que fosse ha mil annos. Este logar foi não obstante o theatro de um acontecimento, cujos effeitos teem accrescentado paginas e paginas, volumes e volumes, á historia do mundo. Porque n'este logar esteve Christo, quando disse a Pedro:

« ... tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Egreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella

«E eu te darei as chaves do reino dos céos. E tudo o que ligares sobre a terra será ligado tambem nos céos: e tudo o que desatares sobre a terra será desatado tambem nos céos.

(*S. Matheus*, XVI, v. 18 e 19)

Sobre esses breves conceitos se levantou o poderoso edificio da Egreja Romana; n'elles reside a auctoridade do soberano poder dos Papas nas cousas temporaes, e o seu como que divino attributo de amaldiçoar uma alma ou de a lavar do peccado. Para manter a posição de «unica Egreja verdadeira», que Roma pretende haver-lhe sido conferida d'esse modo, tem combatido, trabalhado e luctado durante muitos seculos, e continuará a lidar na mesma obra até á consummação dos evos. As palavras que citei dão a essa cidade de ruinas quasi todo o interesse que ella offerece á geração presente.

Esta manhã, durante o almoço, a reunião usual de esqualida humanidade sentou-se fóra do circulo magico do acampamento, e aguardou as migalhas que o dé pudesse conceder á sua miseria. Havia novos e velhos, trigueiros e amarellos. Alguns homens eram altos e robustos (pois é raro ver em qualquer parte homens de tão bella apparencia como aqui no Oriente), mas todas as mulheres e creanças pareciam consumidas e tristes e mortas de fome. Esta gente fez-me lembrar muito dos indios. Pouca roupa trazem em si, mas essa mesma de bom gosto e phantastica na sua disposição. Qualquer absurda ninharia ou bagatella que tenham a põem de tal modo que chama a attenção immediatamente. Estavam assentados em silencio, e com incansavel paciencia espreitavam todos os nossos movimentos com essa estolida e resignada descortezia, que é tão verdadeiramente indiana e torna o branco tão nervoso e mal disposto.

Tinham esses que nos rodeavam outras particularidades que tambem notei nos indios: estão infestados de vermes e a immundicie incrustara-se n'elles a ponto de ladrar.

As creancinhas achavam-se em lastimoso estado — todas tinham os olhos doentes e de varios modos estavam afflictas por outra fórma. Dizem que raramente em todo o Oriente uma creança é isenta de doença de olhos, e que todos os annos milhares de ellas cegam de um ou ambos. Cuido que assim deve ser, porque todos os dias vejo muita gente cega, e não me lembro de ter encontrado quaesquer creanças que não tivessem os olhos doentes. E acreditarieis que uma mãe americana pudesse estar sentada uma hora, com o seu filho nos braços, e deixar durante todo esse tempo as moscas pousar-lhe nos olhos sem as enxotar? Vejo isso todos os dias. Hontem avistámos uma mulher montada n'um burrico, com uma creancinha nos braços; seriamente, me pareceu que a creança tinha oculos, quando nos approximámos, e pasmei de que a mãe consentisse tal cousa. Quando, porém, chegámos ao pé de ella, reconhecemos que os oculos não eram outra cousa senão um acampamento de moscas reunido em torno dos olhos da creança, sendo que ao mesmo tempo havia um destacamento sobre o nariz. As moscas eram felizes, a creança estava satisfeita, e por isso a mãe não intervinha.

Apenas a tribu descobriu que havia um medico na nossa companhia, começou a affluir gente de toda a parte. O dr. B., movido da sua alma caridosa, tirou uma creança a uma mulher, que estava sentada proximo de elle, e fez-lhe uma certa lavagem aos olhos doentes. Ora, essa mulher partiu d'ali, e passou palavra a toda a nação: tinha que ver elles a correrem! Os coxos, os estropiados, os cegos, os leprosos — todas as molestias oriundos da indolencia, da immundicie e da iniquidade — tiveram representação no congresso em dez minutos, e ainda chegava mais gente! Toda a mulher que tinha uma creancinha doente trouxe-a para ali, e a que a não tinha, appareceu com outra que não era sua. Que reverentes e devotos olhares ellas lançavam para aquelle temivel e mysterioso poder, o medico! Viam-no tirar os frascos, medir as porções de pó branco, adicionar-lhes gottas de um liquido precioso e gottas de outro; não lhes escapava o mais leve movimento; tinham os olhos pregados n'elle sob uma fascinação que nada podia distrahir. Creio que lhe concediam os attributos de um Deus. Quando a cada individuo se havia dado o seu remedio, riam-se-lhe os olhos de alegria — não obstante serem por natureza uma raça inerte e desagradecida — e no rosto via-se estampada a fé incontroversa de que nada sobre a terra poderia obstar a que o doente melhorasse agora.

Christo soube a maneira de prégar a essas creaturas simples, supersticiosas, atormentadas pela doença: curava os enfermos. Acorriam em bandos esta manhã ao nosso bondoso medico, quando a fama do que elle tinha feito á creança doente se espalhou na terra, e adoravam-no com os olhos ainda antes de saber se havia ou não efficacia nos remedios. Os seus antepassados — precisamente semelhantes a estes na côr, nos usos, nos costumes e na simplicidade — seguiam em grande numero a Christo, e, quando o viram curar os afflictos com uma palavra, adoraram-no. Não é para admirar que as suas acções fossem o assumpto em que falava a nação inteira, nem que a multidão que o acompanhava fosse tão grande que, uma vez — a trinta milhas d'aqui — fosse necessario descer um doente pelo tecto da casa, porque á porta ninguem podia chegar; nem que as assembléas do povo fossem tão grandes na Galiléa que elle tivesse de lhes prégar de um barco afastado a uma certa distancia da praia; nem que até em logares desertos, nos arredores de Bethsayda, cinco mil pessoas invadissem a sua solidão, e elle tivesse de as alimentar por um milagre para as não ver padecer na confiança da sua fé e da sua devoção; nem que, quando houve uma grande commoção em certa cidade n'esses dias, um visinho a explicasse ao outro com estas palavras: «Dizem que chegou Jesus de Nazareth!»

(Continúa.)

O CARNAVAL — A TUNA D'«O SECULO» (TROUPE MARTINS DA MOTTA)

O PINTOR CARLOS REIS
Auctor do quadro que representa S. M. El-Rei a cavallo

O REVERENDO LUIZ ALVES GOMES FREIRE
(PRIOR DO SOCCORRO)
Fallecido em 23 de fevereiro

O CARNAVAL — O CARRO DA TUNA D'«O SECULO»

A tuna de S. Thiago de Compostella

Foi recebida magnificamente na Escola Polytechnica a tuna da academia de Compostella. Na aula d'economia politica realisou-se uma sessão solemne, na qual usaram da palavra estudantes hespanhoes e portuguezes. A sala estava completamente cheia; viam-se muitas senhoras nas bancadas e reinava o maximo enthusiasmo. Os estudantes hespanhoes foram recebidos pela tuna da Escola e logo se encaminharam para o amphitheatro, começando a sessão. Presidiu á reunião o alumno do 4.º anno sr. Luiz Borges de Sequeira, secretariado pelo estudante de Compostella sr. Raphael Alvarez Novoa e pelo alumno da Escola sr. Severim de Moraes. Fizeram-se enthusiasticos discursos e foi recitada a poesia *A tuna que passa*. O estudante hespanhol Alvaro Sotto recitou tambem o monologo *Lecciones de civilidad* e a meio da sessão tocou-se a marcha real hespanhola e o hymno portuguez, que foram freneticamente applaudidos. O sr. Gomez de Araujo, alumno da Universidade de Compostella, pediu aos academicos presentes o seu concurso para a realisação de

O FINAL DA SESSÃO DA TUNA DE S. THIAGO DE COMPOSTELLA NA ESCOLA POLYTECHNICA DE LISBOA

congressos de estudantes e fallou da fraternidade que deve reinar entre os dois povos da peninsula, ligados pela raça, pelos interesses e pela sympathia. Ao terminar foi levado em triumpho pelos estudantes portuguezes, ao mesmo tempo que do amphitheatro, onde se viam bastantes damas, eram lançadas flôres sobre o orador, soltando-se muitos vivas a Portugal e Hespanha.

Finda a sessão na Escola, os estudantes de Compostella dirigiram-se ao Instituto Industrial, onde eram aguardados pelos d'aquelle estabelecimento; entraram na aula de chimica, onde devia realisar-se uma sessão solemne.

Tomou a palavra o sr. Gomez d'Araujo, da tuna de Compostella, que expressou o seu pezar de não poderem assistir á sessão que se lhes tinha preparado, visto ter chegado um aviso de que S. M. a Rainha Senhora D. Amelia os receberia pelas 5 horas da tarde. Os academicos retiraram então do Instituto e embarcaram pelas 9 horas da noite no comboio que os devia conduzir directamente a Hespanha.

Na *gare* foram alvo de novas manifestações por parte da academia de Lisboa, levando todos gratas recordações de sua excursão.